

VLADIMIR PAIVA BESERRA CABRAL DE OLIVEIRA

**O IMPACTO DA HETERONORMATIVIDADE NA QUALIDADE DE VIDA DAS FAMÍLIAS
HOMOAfetivas**

ARTIGO APRESENTADO COMO REQUISITO NECESSÁRIO PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO
DE **ESPECIALISTA EM INTERVENÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA** DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE –UNI-RN.

ARTIGO APROVADO EM ____ / ____ / ____

PROF. MS. CARLOS HENRIQUE SOUZA DA CRUZ
ORIENTADOR

PROF^a. DRA. CRISTINA SUTTER
EXAMINADOR (A) TITULAR

PROF^a. MS. LETIENE PESSOA
EXAMINADOR (A) LEITOR

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CURSO (TC)

O IMPACTO DA HETERONORMATIVIDADE NA QUALIDADE DE VIDA DAS FAMILIAS HOMOAFETIVAS

Vladimir Paiva Beserra Cabral de Oliveira

RESUMO

No presente artigo são tratadas questões referentes a famílias homoafetivas e as repercussões da heteronormatividade na vida dessas famílias. Através de um estudo exploratório e qualitativo a partir de alguns casos atendidos em consultório particular, sob o olhar da psicoterapia sistêmica familiar, procurou-se compreender seus conflitos, haja vista se tratar de um assunto de grande relevância para indivíduos que passam por dificuldades em razão do modelo heteronormativo.

Palavras-chaves: Psicologia sistêmica, famílias homoafetivas, heteronormatividade

ABSTRACT

In this article it will be discussed the issues relating to gay families and the repercussions about homosexuals relationships and the heteronormativity, which ends up interfering in the lives of these families. Through a exploratory and qualitative study of cases treated in my office, working with a view of the systemic family psychotherapy, I have tried to identify these conflicts because it is a matter of great importance to individuals who experience difficulties due to the heteronormativity model.

Keywords: Psychology systemic, gay families, heteronormativity.

1. INTRODUÇÃO

A heteronormatividade e as famílias homoafetivas são temas que merecem atenção e estudo, pois me parece de grande relevância para a sociedade, haja vista ser um tema que ainda traz algumas consequências na vida de pessoas que desejam possuir um bem estar subjetivo sendo partícipes de famílias homoafetivas. Este trabalho procura analisar e identificar quais seriam as repercussões nas subjetividades das famílias homoafetivas que vivem uma relação estável, em dissonância ao padrão proposto pela heteronormatividade.

A busca por essa temática foi motivada pelo número elevado de atendimentos psicoterápicos familiares e de casal que realizei com famílias homoafetivas, nos quais me deparei com uma realidade conflituosa vivenciada nessas famílias e que, muitas vezes, sem se darem conta, procuravam funcionar dentro de um modelo de vida heteronormativo. É bem verdade que somos influenciados por esse modelo, no entanto, o que levam as famílias não formadas por pares heterossexuais a pensarem e agirem dentro deste sistema heterossexista? No decorrer deste trabalho vou tentar explicitar como o modelo heteronormativo influencia essas famílias, gerando conflitos perturbadores.

A sociedade, de forma geral, acredita que as famílias homoafetivas passaram a existir há pouco tempo. No entanto, isso pode ser mais bem compreendido em razão de ter se constituído um tabu por muito tempo, agregando-se o preconceito social com seu poder de ocultamento de algumas realidades sociais. Na clínica psicológica, atendi um casal homoafetivo, formado por duas mulheres, que criaram juntas duas crianças. Atualmente essas crianças já se tornaram adultas, já com seus próprios filhos e bem criados, e isso tudo aconteceu há mais de 40 anos. Então podemos constatar que as famílias homoafetivas vivem na obscuridade há muitos anos. E como essa família conseguiu ficar estruturada sob os imperativos de um modelo heteronormativo por tantos anos? Neste trabalho tentarei identificar os tipos de impactos que a heteronormatividade causa na qualidade de vida das famílias homoafetivas.

1.1 A história e os modelos de organizações familiares

Desde o nosso nascimento já fazemos parte de um mundo regulado por normas. Segundo *Émile Durkheim* (1983), esses preceitos nos são impostos e nos resta segui-los ou lutar para reformulá-los. Essas normas nascem e se transformam com o movimento da cultura, sociedade e tempo. Uma das regras que regem nossa sociedade é a da família, mesmo hoje sendo regulamentada com os direitos matrimoniais e da infância e adolescência, sempre existiram regras que antes não eram constitucionais, mas sim morais e não contratuais em nossos convívios sociais no início da formação dos primeiros grupos.

Prado (2011), diz que a definição sobre família encontrada nos dicionários refere-se a pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e o filho, ou ainda pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoções. Este conceito segundo o mesmo autor, já não cabe mais no mundo em que vivemos hoje. Na história das famílias são encontrados vários formatos.

Historicamente, a família já possuiu várias formas de organização. Em se tratando de o ser humano necessitar viver em grupo para se proteger, partilhar as divisões de tarefas e, em última instância, constituir-se psicologicamente, desde os primórdios, como apontam estudos, vivia em clãs. No período neolítico, segundo Lins (2012), os homens não sabiam da função do espermatozoide na fecundação e formação de um novo ser, por isso entendiam a mulher como sendo um ser sagrado e mágico por produzir pessoas, alimento, dar e receber prazer e fazer o órgão masculino se enrijecer. Ainda segundo Bock, Furtado e Teixeira (2003), existiram famílias consanguíneas que se consistiam no casamento entre irmãos e irmãs carnais e colaterais no interior de um grupo; na família punaluana, era possível haver o casamento entre várias irmãs, carnais e colaterais, com os maridos de cada uma das outras e irmãos também podiam casar com um grupo de mulheres; já a família sindiásmica era possível o casamento entre casais, mas sem terem a obrigação de morarem juntos e o casamento existia enquanto ambos desejassem.

No entanto, segundo Lins (2012), ainda havia uma sociedade na qual todas as mulheres eram de todos os homens e todos os homens eram de todas as mulheres. Só posteriormente é que veio surgir uma sociedade patriarcal quase que de forma universal. Segundo Lévi Strauss (2009), os homens comandavam suas famílias, porquanto era uma forma de ter certeza que sua cria era mesmo sua. Neste contexto, a mulher também passa a ter valor de moeda de troca, pois quando ela casava, ia morar na casa do marido e este recebia mais um integrante na família.

Na configuração da família camponesa, existente no século XVI e XVII, as crianças dependiam da comunidade e não dos pais, os homens viviam da agricultura e os laços emocionais se estendiam para além da família. Já na família aristocrática, as crianças eram criadas e educadas por pessoas fora do castelo. Os homens iam para a guerra e as mulheres cuidavam da vida social do castelo. Os casamentos neste modelo familiar eram estabelecidos através de convenções políticas para manter o patrimônio dentro da família. Em se tratando da família burguesa, que começou a se configurar ao final do século XVIII, solidificando-se no decurso do século XIX, o marido passa a ter a função de manter a casa com relação às necessidades materiais, neste contexto, os papéis do homem e da mulher ficaram rigorosamente definidos, a mulher tornou-se submissa ao homem, ficando responsável pela administração do lar e os filhos passaram a ser cuidados e educados por ela.

Como se pôde perceber, houve no passado distintas formatações de famílias em diversas culturas. Esse fato encontra explicação na necessidade de a família, ao longo do tempo, necessitar responder às inúmeras transformações sociais, políticas, econômicas e outras tendo que se adequar e se organizar de forma distinta em cada época. É comum que assim aconteça, pois as famílias são os principais veículos de normas e tradições geracionais, que são seguidas e passadas aos seus descendentes e estes por sua vez recebem suas alterações e se adéquam em conformidade com as necessidades atuais.

1.2 Novos modelos de organizações familiares

Atualmente vem surgindo novas formas de família, além do modelo da família nuclear burguesa, isto é, composta por um pai, uma mãe e seus filhos legítimos, no qual o marido é o chefe do lar. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2003), as novas configurações familiares podem ser: família de pai e filho, família de mãe e filho, família composta de um homem ou mulher e um animal de estimação, família de pais recasados com filhos de outro casamento, família com avós e netos, família de amigos que moram na mesma casa, família de tios com sobrinhos, chefiada por mulheres e famílias homoafetivas com pais do mesmo sexo com ou sem filhos. Neste trabalho, o foco de discussão e investigação será o modelo de família homoafetiva.

1.3 A conciliação da família e a homossexualidade

A homossexualidade ainda é vista com muito preconceito social no nosso país. O grupo gay da Bahia mostrou alguns dados publicados no Relatório do Congresso Americano no Brasil em 2007 os quais dizem que ocorreram 186 crimes de homofobia a 122 homossexuais masculinos, a 58 travestis e a 6 lésbicas. Mostrou também que Pernambuco é o estado mais violento, com 27 homicídios (14%), seguido da Bahia com 23 (12%) e São Paulo com 17 (9%). O Brasil é o campeão mundial de assassinatos de LGBT, seguido dos Estados Unidos e México. Nem 10% dos assassinos são presos e muitos alegam “legítima defesa da honra” para matar o homossexual. Isso mostra que vivemos em um país preconceituoso e, de certa forma, que a violência aparece não somente através de homicídios, mas também moral e psicológica. Com esses números fica evidente que os homossexuais são tratados em suas famílias de forma estigmatizadora e violenta.

Segundo Sánchez (2009), até pouco tempo, a homossexualidade e a família eram duas realidades inconciliáveis, sendo que somente se podia pensar em uma família com pais e filhos heterossexuais. Por isso, os filhos homossexuais não eram bem vindos, sendo considerado um grande problema. Os pais não os desejavam e sentiam-se muito mal, culpados, porque eles representavam um erro da natureza e contradiziam o projeto de filho e de filha que tinham em mente. No entanto, a partir das diversas transformações sociais, políticas e econômicas pelas quais passa todo o mundo, começa a

surgir em alguns países o reconhecimento de alguns dos direitos aos homossexuais, dentre os quais a legalização do casamento e o direito de adotar crianças. No Brasil já é possível a união estável entre pessoas do mesmo sexo e a adoção homoparental. Com a mudança nas leis, que passam a garantir alguns direitos legais às famílias homoparentais, constata-se um aumento no número destas famílias e consequentemente uma maior demanda nos consultórios em busca de terapia familiar, não por serem famílias doentes, mas sim muitas vezes para encontrar soluções para suas dificuldades de sentirem-se aceitos.

Ainda segundo Sánchez (2009), tais dificuldades são enfrentadas pela maioria dos casais gays que por não sentirem-se aceitos por suas famílias e pela cultura em geral, aumentam o risco de desenvolverem *problemasdefronteira* um com o outro, isto é, quando há um estado de extremo emaranhamento que pode ocasionar um sufocamento na relação, causando adoecimento nos membros envolvidos ou quando não existe, definitiva ou temporariamente, a comunicação ou esta é difícil ou frágil. Tendo em vista este pensamento, se houver a invasão do espaço e dos direitos entre os próprios membros da família, em resposta às reações negativas da família ou da sociedade ante a sua condição de casal, pode acabar comprometendo a harmonia no lar dessa família. O estigma de ser homossexual pode levar ao estabelecimento de uma identidade secreta ou a uma fusão com outros da comunidade gay.

De acordo com Nichols e Schwartz (2007), após uma infância de vergonha e confusão, muitos homossexuais são rejeitados por suas famílias depois que se revelam. Devido à falta de apoio social, os laços em seus relacionamentos podem sofrer as pressões para um isolamento, o que pode gerar stress e ciúmes. Os casais e famílias homoafetivas possuem os mesmos dilemas e problemas que as famílias de heterossexuais, no entanto, o preconceito que essas pessoas sofrem pode ocasionar problemas sérios em suas vidas. No mundo contemporâneo as famílias não só recorrem à ajuda dos educadores e médicos para seus filhos e familiares, mas também à psicoterapia individual ou no caso das crianças a ludoterapia, e no caso das famílias a psicoterapia sistêmica familiar.

1.4 Psicoterapia sistêmica familiar

O pensamento sistêmico, segundo Vasconcellos (2010), veio inaugurar uma nova maneira de se pensar a ciência e seus pressupostos. A ciência, por assim dizer, era regida por três pressupostos: simplicidade, ou seja, separar as partes para compreender o todo, estabilidade, a crença que o mundo é estável, e objetividade, na qual se compreende que é possível conhecer o mundo objetivamente tal como ele é. O pensamento sistêmico modifica-os, introduzindo o conceito de complexidade, que mostra a inter-relação e interdependência dos fenômenos e sua instabilidade a qual reconhece que o mundo está em processo de tornar-se, advindo daí a consideração da indeterminação e a consequente imprevisibilidade, irreversibilidade e incontrolabilidade dos fenômenos. Há, ainda, o conceito de intersubjetividade o qual reconhece a não existência de uma realidade independente do observador, sendo o conhecimento científico uma construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos e observadores.

Estes três pressupostos são os paradigmas emergentes da ciência contemporânea. Esses paradigmas acabaram influenciando a terapia familiar. Segundo Nichols e Schwartz (2007), a terapia familiar consiste em dar oportunidade às pessoas aprenderem sobre si mesmas e seus relacionamentos, a fim de que possam assumir suas responsabilidades pelos próprios problemas. Isso não significa que o terapeuta se acomoda na cadeira e deixa que a família resolva sozinha suas questões. Pelo contrário, a teoria sistêmica baseia-se em um processo de investigação ativa, no qual o terapeuta orientado pela mais abrangente das teorias na terapia familiar, ajuda os membros da família a irem além da culpa e da acusação, para que se sintam capazes de enfrentar e explorar seu papel nos problemas familiares.

O tetragrama, segundo Morin (2010), para que possamos compreender a complexidade do mundo, não é a resposta da pergunta que conta, mas sim uma possibilidade de dialogarmos com o mundo e possivelmente compreendê-lo melhor. O mesmo coloca que algumas regras do mundo são regidas por um tetragrama, isto é, mostra que no mundo sempre existe uma ordem que norteia nossos caminhos. Com as mudanças que há no

mundo a ordem entra em desequilíbrio, promovendo uma desordem. As coisas perdem a ordem e passam a interagir com outros saberes e experiências. Desta interação, novas informações se acrescentam na ordem e surge um novo saber que organiza o mundo novamente, construindo assim uma reorganização, isto é, uma nova ordem, um novo paradigma que segue uma sequência de ordem – desordem – interação – reorganização. E este paradigma pode orientar nossa compreensão de ordem na formação dos primeiros modelos de família até os modelos de família da atualidade, que estão inseridos no mundo regido por uma ordem heteronormativa.

1.5 O novo paradigma da ciência é o pensamento sistêmico

O paradigma é uma regra que norteia a condução de nossas vidas, e existem inúmeros. Em nossa sociedade temos um paradigma pouco falado, mas muito presente, até mesmo antes de nascermos. Esse paradigma é a heteronormatividade que influencia nossas vidas antes de nascermos, pois quando nossas mães estão grávidas dependendo do resultado da ultrassonografia nossos nomes são escolhidos, a cor das nossas roupas e os futuros brinquedos e companhias também já estão pré-determinados. Segundo Mello (2012), a heteronormatividade advém de regras ou normas que direcionam nossa forma de pensar e agir, com uma ordem central de organizar o mundo feminino e o mundo masculino. Também sinaliza a normalidade somente no comportamento heterossexual, discriminando tudo o que foge esses padrões, como: homens femininos, mulheres masculinas, casais de homossexuais, meninos não brincam com meninas, meninas não brincam com meninos, azul é cor de homem, rosa é cor de mulher, homem não chora, mulheres não jogam futebol, homens não andam de mãos dadas, entre outros. A maioria destas regras não está nas leis, mas está presente na nossa cultura e regras sociais.

O presente trabalho foi realizado a partir de estudos de casos clínicos, podendo assim dizer que se trata de uma análise qualitativa que, de acordo com Laville e Dionne (1999), a abordagem qualitativa geralmente é associada à pesquisa exploratória interpretativa. O método empregado na

pesquisa em questão foi o dedutivo e exploratório. As técnicas empregadas no trabalho foram de pesquisas clínica.

2. RELATOS DE ALGUNS CASOS CLÍNICOS

Durante minha experiência como psicoterapeuta clínico, tive a oportunidade de observar e acompanhar algumas famílias homoafetivas nas quais o modelo heteronormativo influenciou na forma de pensar e agir desses casais de uma maneira a produzir algumas sintomatologias. Escolhi falar sobre seis desses casos a fim de contribuir para reflexão sobre essa temática. Citarei as principais questões enfrentadas por esses casais diante dos efeitos da heteronormatividade compulsória. Os nomes de todas as pessoas são fictícios.

2.1 Maria das Graças e Marlene: têm 34 e 30 anos de idade respectivamente, ambas possuem o segundo grau completo. O principal problema delas era não conseguirem contar as suas famílias a respeito de suas orientações sexuais, pois se sentiam inseguras e especulavam possíveis rejeições por parte de seus familiares. Isso dificultava a relação delas já que Maria dependia e morava com a mãe. Conta Maria que em sua infância sofreu violência física e moral por parte de sua mãe quando queria brincar com brinquedos masculinos, ou mesmo na adolescência quando teve um braço quebrado por ser espancada com uma cadeira pela sua mãe ao ser descoberta ficando com uma garota. Esse fato de homossexuais serem espancados por familiares é comum, sendo muitos expulsos de casa ou serem assassinados, como pesquisa realizada pelo grupo gay da Bahia (GGB, 2013), no qual afirma que em 2011 foram assassinados 266 homossexuais no Brasil por crime de homofobia. Outro tipo de violência a que Maria sofreu foi ser obrigada pela mãe a casar-se com seu vizinho. Deste casamento teve dois filhos. Segundo ela, as noites que se seguiram ao casamento eram torturantes, sentindo-se no ato sexual como se estivesse sendo estuprada, porque sentia nojo e dor durante as relações sexuais não desejadas com o marido. Certo dia, não suportando mais, exigiu do marido a separação, que não aceitou, então Maria pediu a separação na justiça e conseguiu, mas sua mãe permitiu que o seu ex-marido continuasse morando em sua casa e o mesmo continuou cercado Maria e lhe ameaçando de morte se ela aparecesse com alguma namorada. Foram anos de sofrimento,

até que conheceu Marlene a qual lhe orientou a denunciar este fato na delegacia da mulher. O ex-marido foi obrigado pela justiça a sair da casa e manter uma distância dela. Atualmente a mãe de Maria não aceita que Marlene entre em sua casa. Diante de toda violência vivenciada ainda que hoje ela não seja mais refém da mãe, Maria tem dificuldades em contar para a família e amigos sobre sua relação homossexual, pois tem a sensação de que um casal deva ser formado por um homem e uma mulher. Mesmo sabendo que não é o seu desejo, isso ainda perturba sua mente. Os traumas vividos por Maria na infância, adolescência e fase adulta, estão assentados em uma conduta por parte de sua família em uma moralidade heteronormativa, sendo um dos principais fatores que promoveu e continua a promover o seu sofrimento.

2.2 Daniela e Malu: São duas mulheres com 37 e 39 anos de idade, possuem segundo grau completo. Daniela vive com Malu há mais de 10 anos, na casa de sua mãe que trata as duas como se fossem amigas, possivelmente por ser evangélica e não aceitar a relação homoafetiva. Daniela teve um filho com um namorado quando mais jovem e atualmente o garoto está com 12 anos de idade e se relaciona com a mulher de sua mãe como se ela fosse somente uma amiga. O principal problema de Daniela é não ter coragem de contar para o filho que é bissexual e que Malu não é somente uma amiga, mas também sua esposa. Daniela tem medo do filho não compreender, pois o casal não é formado por um homem e uma mulher. Daniela relata que tem dificuldades de se aproximar mais do filho e de conversar com ele sobre qualquer assunto, pois se sente mentirosa para o menino por não conseguir contar essa verdade. O filho por sua vez sofre porque sente falta do carinho e aproximação de sua mãe. Ele conversa mais com Malu do que com sua própria mãe. O processo de terapia já durava seis meses, com atendimentos individuais e com toda a família, até que um dia Daniela se sentiu segura para revelar ao filho a verdade sobre sua orientação sexual e também da sua relação com a Malu. A resposta do filho foi que ele amava sua mãe de qualquer jeito e que só esperava que ela fosse muito feliz, porque essa seria a felicidade dele. Novamente um caso no qual a heteronormatividade prejudicava a liberdade e felicidade de uma família homoafetiva.

2.3 Gadú e Loisa: são duas mulheres com 21 e 23 anos de idade respectivamente, cursando ambas o terceiro grau. O principal problema era não poder assumir na igreja evangélica que eram um casal de mulheres e não duas amigas. Isso dificultava suas relações de amizades mais íntimas no seu meio social e, principalmente, religioso. Segundo o site do grupo gay da Bahia (2013) neste ano o deputado, que é pastor evangélico, Marcos Feliciano formulou um projeto de lei mais conhecido como “Cura gay”, no qual deixa subentendido que ser gay é não ser normal. Isso nos remete a ideia de que algumas igrejas evangélicas entendem a homossexualidade como sendo uma doença, ocasionando traumas, pressão, humilhação, depressão, desconforto psicológico e medo em muitos homossexuais evangélicos que optam por não assumir sua orientação sexual nas suas igrejas, ficando assim comprometidas suas relações com outros membros da igreja e também interferindo na sua liberdade de falar livremente sobre sua orientação sexual.

2.4 Morango e Cacau são duas mulheres com 25 e 35 anos de idade respectivamente, ambas com terceiro grau completo. O principal problema era que uma das parceiras queria engravidar, no entanto, tinha que ser de um homem para que a criança não crescesse sem um pai. Sua parceira entrou em crise conjugal por se sentir excluída dos projetos da família homoparental. Este é outro caso aonde a heteronormatividade vem prejudicar a relação destas mulheres, pois uma das parceiras tenta se encaixar em um modelo de família heterossexual com pai, mãe e filho e quando a realidade delas é a de duas mães e um filho. A explicação da Morango de haver a necessidade de um pai para a criança, vem das concepções pré-concebidas da família tradicional burguesa, que não se encaixa na formação da família homoparental. Sem perceber, Morango exclui Cacau dos projetos da família por causa dos seus preconceitos. Na terapia foi discutida esta questão pelas duas quereconheceram os preconceitos, despiram-se deles e se permitiram a construir uma família com duas mães e um filho.

2.5 Rick e Reinaldo: são dois homens com 23 e 24 anos de idade respectivamente, cursando o terceiro grau. Uma de suas queixas era que um não aceitava dar as mãos em público ao outro, pois em suas crenças isso era coisa de homem e mulher e não coisa de dois homens, mesmo esses dois

homens se tratando de um casal de homossexuais. Segundo o site do grupo gay da Bahia (2011), os homens na Índia podem andar de mãos dadas nas ruas da cidade, pois nessa cultura os homens podem expressar sua afetividade na amizade com toque de forma natural em público, já no nosso país, confundidos com casal gay, pai 48 anos e filho de 18 anos são agredidos em São João da Boa Vista interior de São Paulo por grupo de jovens homofóbicos. O pai perdeu parte da orelha e o filho espancado brutalmente. Estas informações causam medo nos homossexuais de demonstrarem afeto em público e é claro também reforça a ideia na cabeça dos gays de que o correto para andar de mãos dadas é para o homem e a mulher. A homofobia também é fruto da heteronormatividade que induz pessoas inconsequentes a matarem ou agredirem pessoas homoafetivas.

2.6 Zeca e Raí são dois homens com 32 e 54 anos de idade respectivamente, ambos com terceiro grau completo. Uma das queixas era que um dos parceiros não queria ser passivo durante a relação sexual, não porque não tivesse vontade, mas sim porque tinha a crença de que o passivo na relação homossexual era a mulher da relação. É importante compreender que em uma relação sexual homossexual não existe um homem e uma mulher e sim dois homens, então tanto o homem na relação que é passivo quanto o ativo são homens homossexuais do mesmo jeito. A heteronormatividade induz o homossexual a querer encaixar dois homens em uma construção de casal heterossexual onde existe uma mulher e um homem, que no caso de um casal homoafetivo isso se torna impossível. Em um casal de homossexuais não existe um homem e uma mulher, mas sim dois homens ou duas mulheres. A questão também de um dos parceiros da relação também não querer ser visto como a mulher da relação vem do modelo de família patriarcal no qual a mulher tinha um papel de submissão na relação conjugal.

3. CONCLUSÃO

Neste trabalho foi realizado um estudo exploratório com casais homoafetivos para analisar quais influências da heteronormatividade em suas relações levavam a um sofrimento psicológico. De acordo com os postulados do Tetagrama: ordem, desordem, interação e reorganização, é possível

compreender que a ordem familiar durante toda sua história sofreu mudanças na sua formação. Com o passar dos tempos a sociedade sofreu mudanças que fizeram suas leis e regras mudarem para atender suas necessidades em cada tempo. Hoje a sociedade necessita reconhecer a existência de famílias compostas por dois pais, por duas mães ou outra configuração. Entretanto, constatamos que ainda estamos vivendo a fase de reorganização, pois o mundo ainda é organizado por uma ordem heteronormativa que prejudica os casais homoafetivos na sua qualidade de vida, mesmo que essas leis estejam em processo de modificações, a cultura que se mantém internalizada na mente de grande parte da população se relaciona a preconceitos que interferem na vida de casais de mesmo sexo. Estes preconceitos, embora existam entre os próprios homossexuais, estão mais fortemente arraigados na mente de pessoas heterossexuais. Neste trabalho foi possível identificar alguns dos conflitos que casais homoafetivos passam por viverem em uma sociedade que é regida por normas e padrões heteronormativos, como: Não andar de mãos dadas em lugares públicos, não poder assumir sua orientação sexual em algumas religiões, ter dificuldade de formar uma família já que a heteronormatividade mostra que o correto é um homem e uma mulher, dificuldade em assumir para a família que são homossexuais, não conseguir apresentar à família o parceiro ou parceira da relação homoafetiva, ter receio de casar por medo do preconceito, ter dificuldades para contar para os filhos que os pais são homossexuais, ter medo de adotar e os filhos não virem os pais como normais, entre muitos outros medos e receios que são construídos a partir do conceito da heteronormatividade.

Concluo que os casais homoafetivos passam por dificuldades por viverem em um mundo regido por leis e normas que muitas vezes dificultam suas vidas e, mesmo as leis se modificando, muitos conceitos ou funcionamentos heterossexuais acabam sendo internalizados na mente de homossexuais que começam a desenvolver dificuldades em seu cotidiano, pois na realidade os homossexuais não precisam se adequar aos sistemas heterossexuais, mas sim, serem homossexuais livres de preconceitos sociais, principalmente de seus próprios preconceitos.

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana Mercês Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2003.
- CARTER, Betty. MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para terapia familiar. 2.ed. São Paulo: Artmed, 2007.
- DINIZ, Debora. **Heteroinquisidores**. Ed. Brasília: grupo gay da Bahia, 2011. <<http://www.ggb.org.br/Artigo%20Debora%20Diniz%20Pai%20e%20filho%20confundidos%20como%20casal%20gay.html>>. Acesso em 01 de outubro de 2013.
- DURKHEIM, Émile. **Os pensadores**. 2.ed. São Paulo: Editor Victor Civita, 1983.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico**: O novo paradigma da ciência. 9ª ed. Campinas SP: Papirus, 2002.
- LAVILLE, Chistian. DIONNE, Jean. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.
- LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.
- MÉLLO, Ricardo Pimentel. **Corpos, heteronormatividade e performances híbridas**. 1ed, Belo Horizonte: Psicologia e sociedade, 2012. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 de julho de 2013.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem – Feita**: Repensando a reforma reformar o pensamento. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- NICHOLS, Michael P. SCHWARTZ, Richard C. **Terapia familiar**: conceitos e métodos. 7 ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.
- PRADO, Danda. **O que é família**. 2.ed. São Paulo: editora brasileira, 2011.
- SÁNCHEZ, Félix Lopez. **Homossexualidade e a família**: novas estruturas. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- [S.A]. **GGB ver risco de guerra religiosa no país**. Ed. Bahia: Grupo gay da Bahia, 2013. <<http://www.brasil247.com/pt/247/bahia247/106647/>>. Acesso em 01 de outubro de 2013.